



ELISABETE NASCIMENTO

ELISABETE NASCIMENTO

DIZER ELISABETE NASCIMENTO
É FAZER DA PALAVRA GOZARES
MÚLTIPLOS

Naduska Mário Palmeira

Doutora em literaturas africanas escritas em língua portuguesa pela UFRJ. É membra do GP Escritas do Corpo Feminino, da Letras da mesma univ. Professora da universidade de Cabo Verde (UniCV), atua livremente como ensaísta e ouvinte de vozes femininas africanas e afro-brasileiras.

Ter no nome o constante (re)nascer não é um acaso: O nascimento de Elisabete é, também, multiplicidade. Nascer do chão do verbo, do útero da voz, da vagina úmida do gozo, em sucessiva renovação e em rios correntes do corpo desejan-te.

Falar de Elisabete é ouvir a sua voz-rugido de leoa prenhe, da luta pela sobrevivência do corpo preto, do corpo da mulher preta, do corpo caminhante da periferia fluminense, das vozes que ecoam, em sua palavra, o espaço em que suas curvas performatizam seu nome secreto.

Porque Elisabete é mulher Deusa, é filha de Ancestrais poderosos, é fio d'água da África que desaguou no Brasil e se fez fogo. Preta-Deusa, potente pensante, sem máscara de flandres, sem cinto de castidade. Deusa incasta, Preta subversiva. E a sua palavra de poeta e de filósofa, de cânticos e de fé é mais que a concretude da marca na pedra, que não se apaga, que as

arrebentações do mar, águas da Mãe Yemanjá, não fazem desaparecer no tempo que elas reluzem.

Elisabete ensina mulheres ao seu redor a perceberem as entranhas de suas casas-corpos, faz de cada uma um ponto de axé, de escuta atenta, de fala consistente e de luta.

Por mais que eu tente, diante da força do seu rosto, da fera que habita seu corpo dócil e indócil, por mais que eu procure imagens para escrever Elisabete Nascimento, a fera foge, vai rugir, uivar nos cantos do mundo, nos centros do mundo: Pulsante. Será esta a palavra? Haverá palavra para descrever a força dos ventos de Iansã?

Andante. Quem é essa mulher, afinal? Elisabete Nascimento é mulher, poeta, Deusa de São João do Meriti, Baixada Fluminense.

De seu centro de fala, tece seus versos e seus ensaios, desenha a liberdade com as formas de seu corpo e voa.

“Não há periferia se eu falo daqui, do meu centro, São João do Meriti”. Sim, é do espaço que tenta ser invisibilizado pelos centros do poder da branquitude que emerge a voz da escritora. É na cultura de terreiro, sob o signo de Exu, de pretos velhos, de mães de santo que Elisabete se fez e em que ela busca-encontra sua emancipação e alimenta seu Ori e seu corpo desejante.

É do sagrado, e também do templo sagrado do corpo, de Eros, que ela fala – e aqui tudo se mescla no tecido de belezas que a poeta molda cotidianamente. Trata-se de uma mulher que conhece os espaços de seu próprio corpo, a curva do santo, o fundo do erótico. Elisabete sabe quem deseja ou está autorizado ou autorizada a tocar em seu corpo sacrossanto-pagão. E quer muito, muito, pois sabe que pode: a subversão que ela faz é quase um ato sexual, ato que o corpo não tensiona pedir menos de quem ousa ali chegar: gozares, múltiplos, infinitos.

Talvez a palavra seja uma forma de gozar despudoradamente – a quem serve, afinal, o pudor? Posso garantir que não a ela. Servem ao despudor sujeitos e sujeitas que não se sujeitam e se curvam diante da beleza com que Bete faz amor e sexo com as palavras: o amor, contido na sua escolha de vida, no chamamento à palavra poética; sexo exposto com seus dedos, ainda molhados, no papel que a espera para sublimar o orgasmo.

Sem máscara de flandres (título de uma de suas obras poéticas), Elisabete Nascimento entra na minha vida como um tsunami, tal como bem disse

alguém que a entrevistou. E se digo “entra”, é porque ela não para de fazer do meu corpo um espaço nu de Yemanjá, de Exu. Um espaço livre, com palavras despudoradas; corpo inteiro, sem castração ou medo do prazer.

Se posso homenagear Elisabete, tenho que, antes, agradecê-la por fazê-lo, pois há um significado imenso aqui: a poeta-ventania está nos meus ouvidos, na minha boca e pelas minhas mãos saem uma coragem que, agora minha, dela partiu.

Em dedicatória-resposta à Gayatry Spivak, na obra *Máscara de flandres*:

A voz da poetisa diz:

Sempre falou. O subalternizado. E expressou. Assim como eu, a fome de me amar, a fome de Myanmar e também Carolina Maria de Jesus, o Bispo do Rosário, João Candido e muitas vozes mais ...

Mas qual o valor social dessa fala?

Somente o teu ato político, caro leitor, pode expressar leiturvivências destes meus escritos.

Tive, há pouco, a alegria de ver o livro a que se refere Elisabete traduzido como *Pode a subalterna falar? (Can the subaltern speak?)*, numa atitude vibrante e firme de colocar a mulher nesse lugar da violência, abaixo, ainda, de mulheres brancas. E, se falamos em homenagem, é preciso homenagear esse corpo que nasceu sob anos duros. Mais do que falar, abro-me para que ela fale:

Queres dizer, o que devo dizer depois de calar-me à custa de flandres?

Sou Elisabete Nascimento, nasci sob o signo da violência nos anos de chumbo. Antes de aprender a ler e a escrever, o Brasil decretou o ato institucional que interditou o discurso na esfera pública em 1968, o AI5.

Neste contexto, eu fui ensinada a só falar e a escrever o que era permitido. Eu estive submetida a uma espécie de “máscara de flandres” assim como foram, literalmente, silenciados os escravizados.

Muito provavelmente, esta “conjuntura” de violência e de silenciamento forçado contribuiu fortemente para impor a subalternidade, mas a resistência é uma das expressões da Literatura e esta tem sido determinante para a minha urdidura.

Quanto a mim, resta-me agradecer ao nosso povo Ancestral pela existência de Elisabete Nascimento, pela retirada feroz da máscara de flandres, pelo seu corpo feminino político e sem pudor. Axé, Bete. Tudo é pouco pra dizer você.

IMAGENS

1. Imagem de Elisabete Nascimento – Acervo da homenageada